

Novos mercados para a engenharia portuguesa



Carlos Matias Ramos

De acordo com a EUROCONSTRUCT, espera-se para 2012/2014 uma estagnação no setor da construção na União Europeia (UE), prevendo-se para Portugal um decréscimo médio anual de 7,9%. Confinando ao setor das infraestruturas, o panorama é pior, estimando-se uma variação média anual, para o conjunto dos países da UE, de -1,4%, e para Portugal, de -13,1%.

Este enquadramento e a queda abrupta do investimento português nas obras públicas levaram as empresas portuguesas a voltarem-se para o exterior. Dados recentes da AECOPS indicam que a atividade externa destas empresas duplicou no período de 2008/2011, passando de uma faturação de 1.961 milhões de euros para 4.132 milhões.

Estas empresas obtiveram, em 2011, contratos para obras no mercado internacional no valor de 6,3 mil milhões de euros, que representam mais de 10% das exportações portuguesas e 4% do PIB nacional. Contudo, mais de 80% desta atividade é desenvolvida apenas por 50 das nossas maiores empresas.

De acordo com os mesmos dados, do total de 4,1 mil milhões, apenas 15,6% resultaram de atividade na Europa, sendo os restantes 84,4% repartidos por África (89,7%, correspondendo 44% a Angola), América Central e do Sul (7%) e América do Norte (3,1%). O volume de negócios em África mais que triplicou desde 2006, sendo que Angola, Moçambique, Guiné Equatorial, Cabo Verde, Gana, Argélia e Malawi correspondem aos principais mercados.

Ainda em termos europeus, assistiu-se a uma perda significativa da atividade de construção das empresas nacionais, com redução de 30% para 16%; tendo a atividade sido redirecionada para a América Latina, com relevância para novos contratos no Peru e na Venezuela e com a Colômbia a surgir como

mercado potencial.

Estes dados, no seu conjunto, são reveladores do sucesso do processo de internacionalização, que, apesar de envolver um núcleo reduzido de empresas, não deixa de ser impressionante, sobretudo se considerarmos a crise internacional e a situação da economia portuguesa. É de realçar que, para muitas destas empresas, a componente de faturação oriunda dos mercados externos representa cerca de 4/5 da sua faturação total.

A internacionalização de empresas de construção civil, além de indispensável para a sua "sanidade económica", é igualmente fundamental como ponte para a internacionalização de outras empresas associadas ao ramo. Este aspeto é frequentemente secundarizado, esquecido ou até mesmo omitido. O setor da construção promove, a montante e a jusante, a exportação de outros bens e serviços e dignifica a imagem de Portugal, com prémios internacionais alcançados por obras emblemáticas projetadas e construídas por técnicos portugueses.

Como refere o estudo da DELLOITTE "O Poder da Construção em Portugal", relativo ao período de 2009/2010, ao contributo direto deste setor para o PIB, deverão ser adicionadas atividades a montante e a jusante que aumentam esse contributo em cerca de 2,5 vezes.

A área da construção tem, assim, um peso significativo na internacionalização das empresas portuguesas, com particular incidência nos países da CPLP. Para tal contribui a história, o bom relacionamento há muito instituído e o grande prestígio da engenharia portuguesa.

A qualidade da engenharia e da construção não é, portanto, um fator que condicione ou limite a internacionalização; pelo contrário, tem sido um elemento determinante para esse movimento.

Bastonário da Ordem dos Engenheiros